

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 5



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas 5
[recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. –
Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do
conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-296-8

DOI 10.22533/at.ed.968192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências
sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados e distribuídos nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem por objetivo, apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Neste 5º volume, reuni o total de 30 artigos que dialogam com o leitor sobre os mais diversos temas que envolvem as Ciências Sociais Aplicadas. Dentre estes temas, podemos destacar arquitetura, produção rural, contabilidade ambiental, design, economia solidária, bibliométrica e cadeia, políticas públicas, ocupação do solo, trabalhador, gestão de pequenas empresas, gestão de pessoas, auditoria governamental e desenvolvimento industrial.

Assim fechamos este 5º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EFICIÊNCIA DA VENTILAÇÃO CRUZADA NA ARQUITETURA	
Paula Scherer Mariela Camargo Masutti	
DOI 10.22533/at.ed.9681926041	
CAPÍTULO 2	5
ARQUEOLOGIA E ESTRUTURALISMO; CAMINHOS E DESCAMINHOS	
Pedro Ragusa	
DOI 10.22533/at.ed.9681926042	
CAPÍTULO 3	19
BRICS NA AMÉRICA LATINA: A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA GOVERNANÇA GLOBAL	
Gabriel Galdino Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9681926043	
CAPÍTULO 4	23
CÁLCULO DO ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA PARA A EXPORTAÇÃO DA SOJA EM GRÃOS DO ESTADO DA BAHIA DE 2004 A 2014	
Ivanessa Thiane do Nascimento Cavalcanti Juliana Freitas Guedes Rêgo	
DOI 10.22533/at.ed.9681926044	
CAPÍTULO 5	37
CARACTERÍSTICAS DETERMINANTES DA LEGIBILIDADE DAS NOTAS EXPLICATIVAS DE EMPRESAS BRASILEIRAS	
Guilherme de Freitas Borges Ilírio José Rech	
DOI 10.22533/at.ed.9681926045	
CAPÍTULO 6	58
CHÁCARA WOLF: ENTRE A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO	
André Frota Contreras Faraco	
DOI 10.22533/at.ed.9681926046	
CAPÍTULO 7	70
CONSUMO E VARIEDADE DE PIMENTAS POR REGIÕES DO BRASIL	
Talita Campos de Lima Barbosa Claudia Maria de Moraes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9681926047	
CAPÍTULO 8	79
CONTABILIDADE AMBIENTAL: UM ENFOQUE SOBRE SUA DEFINIÇÃO A PARTIR DE TRABALHOS DO CSEAR	
Luana Caroline da Silva Andréia Cittadin Fabricia Silva da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9681926048	

CAPÍTULO 9	96
CRÉDITO RURAL E EFICIÊNCIA TÉCNICA DA AGROPECUÁRIA DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DA BAHIA	
João Batista Oliveira Lima	
Gervásio Ferreira Santos	
Paulo Nazareno A. Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9681926049	
CAPÍTULO 10	117
DESIGN SOCIAL: MATERIAIS E PROCESSOS PRODUTIVOS NO DESIGN DE PRODUTOS	
Adilson Santos Brito	
DOI 10.22533/at.ed.96819260410	
CAPÍTULO 11	129
DETECÇÃO DE RISCO DE INCÊNDIOS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOURADOS (MG)	
Rubia Cristina da Silva	
Mirna Karla Amorim da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96819260411	
CAPÍTULO 12	142
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.96819260412	
CAPÍTULO 13	151
ESTUDO BIBLIOMÉTRICO: ASPECTOS LOGÍSTICOS EM CADEIAS PRODUTIVAS	
José Valci Pereira Rios	
Cristina Vaccari	
Benó Nicolau Bieger	
DOI 10.22533/at.ed.96819260413	
CAPÍTULO 14	164
EUTHANASIA AS PATIENT'S RIGHT	
Rodrigo Tonel	
Guilherme Hammarström Dobler	
Janaína Machado Sturza	
Siena Magali Comassetto Kolling	
Tiago Protti Spinato	
Fernando Augusto Mainardi	
Stenio Marcio Kwiatkowski Zakszeski	
DOI 10.22533/at.ed.96819260414	
CAPÍTULO 15	173
EVIDENCIAÇÃO AMBIENTAL E VALOR DE MERCADO: ESTUDO NAS EMPRESAS DO ISE	
Francisca Francivânia Rodrigues Ribeiro Macêdo	
Raylander José de Azevedo Casciano	
Maria Maciléya Azevedo Freire	
Antônio Rodrigues Albuquerque Filho	
DOI 10.22533/at.ed.96819260415	

CAPÍTULO 16	190
FINANCIAMENTO ÀS EXPORTAÇÕES: IMPACTO DA POLÍTICA DO BNDES DE APOIO ÀS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO ANOS 2000	
Danniele Giomo	
DOI 10.22533/at.ed.96819260416	
CAPÍTULO 17	207
INOVAÇÃO ORGANIZACIONAL DA INDÚSTRIA DE PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS – A GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Jacks Williams Peixoto Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.96819260417	
CAPÍTULO 18	230
KIT EXPERIMENTAL DE BAIXO CUSTO E DE FÁCIL ACESSO PARA ENSAIOS ELETROLÍTICOS	
Fabiano Rafael Praxedes	
Gustavo Bizarria Gibin	
DOI 10.22533/at.ed.96819260418	
CAPÍTULO 19	244
MAPEAMENTO DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NO MUNICÍPIO DE ABADIA DOS DOURADOS (MG)	
Rubia Cristina da Silva	
João Donizete Lima	
DOI 10.22533/at.ed.96819260419	
CAPÍTULO 20	251
O DESIGN PARAMÉTRICO COMO FERRAMENTA PROJETUAL NA ARQUITETURA E URBANISMO	
Alisson Costa Maidana	
Renan Julio Antunes Matos	
Magali Letícia Brunhauser	
Suelin Luana Reichardt Soares	
Mateus Veronese Corrêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96819260420	
CAPÍTULO 21	261
O ESTRESSE DO TRABALHADOR EM UMA AGÊNCIA BANCÁRIA DE CAMPO GRANDE - MS	
Leonardo Camargo do Carmo	
Flavinês Rebolo	
DOI 10.22533/at.ed.96819260421	
CAPÍTULO 22	277
OS BENEFÍCIOS DO CRM COMO FACILITADOR DE RELACIONAMENTO COM O CLIENTE	
Mariangela Catelani Souza	
Vinicius Rossi Hernandez	
Claudio Roberto Estanislau Rocha	
Julian Carlos da Silva	
Flávia Lindoso de Castro	
Lygia Aparecida das Graças Gonçalves Corrêa	
Elizângela Cristina Begido Caldeira	
Carlos Alípio Caldeira	
Fausto Rangel Castilho Padilha	
Patricia Cristina de Oliveira Brito Cecconi	
DOI 10.22533/at.ed.96819260422	

CAPÍTULO 23	289
OS BENEFÍCIOS EXISTENTES NA GESTÃO DE RELACIONAMENTOS ENTRE PEQUENOS SUPERMERCADISTAS E SEUS FORNECEDORES	
José Ribamar Tomaz Da Silva Filho Rosângela Sarmiento Silva Norberto Ferreira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.96819260423	
CAPÍTULO 24	304
POSSIBILIDADES DO USO DAS OPERAÇÕES URBANAS CONSORCIADAS COMO INSTRUMENTO DE REGULARIZAÇÃO URBANÍSTICA: O CASO DE BELO HORIZONTE	
Reginaldo Magalhães de Almeida Juliana Lamego Balbino Nizza	
DOI 10.22533/at.ed.96819260424	
CAPÍTULO 25	319
PRÁTICAS DE GESTÃO DE PESSOAS NAS INDÚSTRIAS DE LINGERIE DE JURUAIA – MG	
Liliane Aparecida da Silva Marques. Maria Izabel Ferezin Sares Vinícius Generoso Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.96819260425	
CAPÍTULO 26	331
PRÁTICAS DE ENERGIA RENOVÁVEL EM COMPANHIAS DE ENERGIA ELÉTRICA NOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E PARANÁ	
Gabriel Alcides Mariot	
DOI 10.22533/at.ed.96819260426	
CAPÍTULO 27	352
PROPOSTA DE FLUXO CONTÁBIL, GRUPO DE CONTAS E SUBCONTAS PARA O ATIVO BIOLÓGICO NA AVICULTURA DE PRODUÇÃO DE OVOS, CONFORME RECOMENDAÇÕES DO CPC 29	
José Arilson de Souza Elizângela Fernanda Mathias Elder Gomes Ramos Deyvison de Lima Oliveira Wellington Silva Porto	
DOI 10.22533/at.ed.96819260427	
CAPÍTULO 28	367
PROPOSTA DE PAPÉIS DE TRABALHO PARA EXECUÇÃO DE AUDITORIA GOVERNAMENTAL DE CONFORMIDADE	
Romeu Schvarz Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.96819260428	
CAPÍTULO 29	372
SEGURANÇA ENERGÉTICA BRASILEIRA E INCENTIVOS AO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL NOS GOVERNOS LULA E DILMA	
Juliana Araújo Gomes Maciel Henry Iure de Paiva Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96819260429	

CAPÍTULO 30 389

SISTEMA DE FOSSA SÉPTICA BIODIGESTORA COMO TECNOLOGIA DE SANEAMENTO BÁSICO
EM COMPARAÇÃO AO SISTEMA DE FOSSA NEGRA

[Luciana Silva Nascimento](#)

DOI 10.22533/at.ed.96819260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 403

ARQUEOLOGIA E ESTRUTURALISMO; CAMINHOS E DESCAMINHOS

Pedro Ragusa

Professor no departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Estagiário no programa de pós-doutorado da Universidade Estadual de Londrina.

Doutor pela UNESP-ASSIS.

Telêmaco Borba-PR.

pedroragusa@yahoo.com.br.

RESUMO: A proposta para realização desse texto versa sobre um tema muito caro para a metodologia e para a teoria da disciplina da História: A possível relação entre a pesquisa arqueológica e a filosofia estruturalista. Mas qual o ponto de encontro que torne possível essa relação? Na trajetória metodológica da arqueologia durante os anos de 1960 podemos encontrar uma forma bem específica de aproximação dos trabalhos de Foucault com o método estruturalista, que foi seguida posteriormente por um declarado afastamento. Essa trajetória do método arqueológico foi acompanhada por uma variação de componentes metodológicos, sendo que esses componentes lhe serviam como um eixo metodológico podendo ser destacado a fenomenologia a hermenêutica e o próprio estruturalismo. Para tanto, ao dissertar sobre o tema proposto teremos como objetivo evidenciar uma possível aproximação na relação entre duas formas

de metodologia no campo da História e das ciências humanas, sendo uma delas um projeto individual, e a outra, uma corrente metodológica muito genérica na filosofia e demais ciências humanas. Teríamos assim o *estruturalismo temporal de Foucault* contra o *estruturalismo atemporal*. Não queremos com isso fazer de Foucault um filósofo estruturalista afastado do tempo, da mudança e do histórico, mas ao contrário. A arqueologia sem se desligar da história procura nesse momento de filiação ao estruturalismo descobrir as “regras estruturais” que apenas tornam possível o aparecimento e as transformações e rupturas do discurso em sua dimensão temporal.

PALAVRAS CHAVE: Arqueologia – Estruturalismo – Metodologia – Episteme – História

ABSTRACT: The proposal for achieving this text explores a very expensive theme for the methodology and theory of the discipline of History: The possible relationship between archaeological research and structuralist philosophy. But what is the meeting point that makes possible this relationship? The methodological trajectory of archeology during the 1960s we can find a very specific form of approach of Foucault’s work with the structuralist method, which was later followed by a declared withdrawal. This trajectory of the archaeological

method was accompanied by a range of methodological components, and these components served him as a methodological axis can be highlighted phenomenology hermeneutics and structuralism itself. Therefore, to speak about the theme we aim to show a possible approach in the relationship between two ways of methodology in the field of history and the human sciences, one of them being an individual project, and the other, a very general methodological current philosophy and other human sciences. so would the time structuralism of Foucault against the timeless structuralism. We do not want it to Foucault's structuralist philosopher away time of change and history, but in reverse. Archaeology without turning off the story looking at that time membership to structuralism discover the "structural rules" that only make possible the emergence and transformation and speech breaks in its temporal dimension.

1 | INTRODUÇÃO

A arqueologia dos saberes, pesquisa realizada por Michel Foucault entre as décadas de 1960 e 1970, foi desenvolvida através de um aporte teórico-metodológico híbrido, posto por uma carga metodológica definida pelo estruturalismo(s), junto a uma problemática sobre a história dos saberes definida pela epistemologia francesa, (Ragusa, 2018). Nesse capítulo, vamos mostrar como a apropriação pelo estruturalismo constituiu para a arqueologia dos saberes de Michel Foucault um importante campo de experimentações teórico-metodológica no percurso de suas pesquisas durante os anos sessenta.

Para mostrarmos como foi constituído o campo epistemológico pelo qual a pesquisa arqueológica de Michel Foucault foi desenvolvida durante os anos sessenta, convém delimitarmos a relação de aproximação e de afastamento entre os escritos arqueológicos e o estruturalismo. Assim, logo de saída, consideramos interessante recuperarmos um dito de Foucault em 1967, quando, em uma entrevista ele declarou ter introduzido análises ao estilo do método estruturalista em seus trabalhos nos domínios da história. Foi com esse mérito que ele definiu naquele momento uma das características de sua pesquisa, fazendo uma releitura subjacente aos seus trabalhos anteriores, sobretudo o livro do ano anterior *As Palavras e as Coisas*.

O que tentei fazer foi introduzir análises do estilo estruturalista em domínios nos quais ainda elas ainda não tinham penetrado, ou seja, no domínio da história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria. Nessa medida, fui levado a analisar em termos de estrutura o nascimento do próprio estruturalismo". (Foucault, 2014, p. 61-62).

A declaração é polêmica para não dizer desconcertante, afinal, pouco tempo após essa declaração Foucault negou com muita veemência qualquer associação de seu nome ao movimento estrutural dos anos 50 e 60. Um exemplo desse posterior afastamento com o estruturalismo foi posto no capítulo de conclusão do livro lançado por ele em 1969 intitulado, *A Arqueologia do Saber*. Dessa forma, sem apelarmos a nenhum reducionismo quanto ao procedimento metodológico de pesquisa nomeado por

Foucault como uma *arqueologia dos saberes*, e, com ciência de sua transversalidade nas ciências humanas, justifica-se razoável e necessário a delimitação do alcance teórico-metodológico do “método arqueológico”.

Assim, vamos mostrar como se deu a introdução de análises ao estilo estrutural nos domínios da história declarada por Foucault nos trabalhos que teriam sido realizados anteriormente a data dessa entrevista de 1967. Talvez até poderíamos dizer que após uma declaração forte como essa não restariam muitas dúvidas quanto ao vínculo de Foucault com o estruturalismo, porém não é tão simples, afinal pode-se afirmar que não compreender a arqueologia sem sua possível relação com o estruturalismo seria uma maneira incompleta de estudá-la.

2 | A EPISTEME COMO PENSAMENTO EXTERIOR

A ideia fundamental que constitui o objetivo do livro “As Palavras e as Coisas” de 1966, foi evidenciar o surgimento das ciências humanas e o consequente aparecimento do homem como uma figura do saber ao ocupar uma posição dupla no discurso científico. Isto é, o homem aparece como figura do saber por ser ao mesmo tempo objeto das ciências humanas (empírico), e sujeito histórico para o pensamento filosófico (transcendental). Assim segundo Machado seria o objetivo da arqueologia.

O objetivo final de *As Palavras e as Coisas* é realizar uma arqueologia das ciências humanas. O subtítulo do livro o indica explicitamente, além de toda sua argumentação convergir nessa direção. Mas análise das ciências humanas não é uma descrição isolada: é o produto da inter-relação de saberes sobre o homem. (Machado, 2006, p. 111)

Isso exigiria de Foucault num primeiro momento estar preso somente aos discursos cientificamente válidos, afinal a ciência tem uma postura de legitimação da verdade pela continuidade evolutiva dos discursos no tempo, essa condição epistemológica da ciência faz do discurso um lugar para sua *purificação* no caminho da verdade. Assim segundo Foucault o discurso considerado verdadeiro para uma ciência só pode ser aquele que se organiza como “um conjunto de enunciados que tomam emprestado de modelos científicos sua organização, que tendem a coerência e a demonstratividade, que são recebidos, institucionalizados, transmitidos e as vezes ensinados como ciência”. (Foucault, 1969, p. 223. Apud CANDIOTTO, 2010, p. 47).

Assim segundo Candiotto, umas das denúncias realizadas pelo livro *A Arqueologia do Saber* de 1969, foi a de que as ciências que ao passarem pelo processo de constituição de seus objetos, sistematizações de seu espaço de atuação e formalização de seus procedimentos metodológicos se equivocam ao não considerar saberes fora da ordem científica como sendo discursos legítimos, possuindo somente a característica de ilusão discursiva. Porém, Foucault não explica no livro de 1966 qual o limite para a distinção entre *o saber* e *a ciência*. A distinção bem-acabada desses conceitos só foi realizada com *A Arqueologia do Saber* três anos depois, quando foi apresentado e

trabalhado o conceito de *formação discursiva*, nesse intervalo de alguns anos muitas críticas foram feitas quanto a sua “confusa” noção e distinção entre saber, ciência e conhecimento. (Candiotto, 2010, p. 46-47)

No prefácio escrito em 1970 para a edição inglesa de *As Palavras e as Coisas* (Foucault, 2013), o filósofo faz uma importante distinção entre duas maneiras de se realizar uma História das Ciências: A primeira via seria por meio da análise epistemológica, enquanto que a análise arqueológica seria uma forma alternativa para fazer a história de uma ciência. Pode-se dizer genericamente que a análise epistemológica se limita ao campo científico, ou seja, aos discursos legitimamente válidos enquanto conceitos positivos e na maioria das vezes empiricamente comprovados.

Já a segunda via, posta pela descrição arqueológica busca um campo de análise mais amplo, pois não procura pela legitimidade dos discursos científicos, mas preocupa-se com as condições de possibilidades de emergência desses discursos não se importando com sua validade científica, e nem com sua unidade discursiva como é característico das ciências formais, o importante são as relações que atravessam os discursos. Assim, o saber designa uma região muito mais vasta e ampla que o domínio científico, pois o termo saber se refere tanto a textos científicos, como religiosos, jurídicos e literários. Nesse sentido, a ciência seria para a análise arqueológica um tipo de saber dentro de uma rede de saberes maior.

Dessa forma, para fazer sua descrição arqueológica das ciências humanas, Foucault não se restringiu somente aos discursos associados as próprias ciências humanas já formalizados pela epistemologia. (Machado, 2006, p. 111). Para escapar a certa historização continuísta do discurso científico, Foucault trabalhou durante todo o livro com a articulação entre o conceito de saber através da introdução da noção de episteme. Esses dois conceitos foram interligados por necessária dependência mútua, o que significa que não podemos falar de episteme sem recorrer a noção de saber, assim como não faz sentido se referir ao saber como espaço da descrição arqueológica se não houver uma episteme correspondente para determinada forma de saber se apresentar e repousar.

De maneira geral, o conceito de episteme apresentado no livro *As Palavras e as Coisas*, foi introduzido por Foucault para mostrar como em diferentes períodos históricos existe uma “ordem-discursiva” para organização dos saberes, um princípio de ordenação histórica dos saberes que definem a racionalidade de período histórico. São as condições de possibilidade para os discursos que procuram estabelecer positivamente sobre os objetos dos quais discursam encontram-se sempre determinadas por condições que são exteriores aos sujeitos e que não são necessariamente uma ciência ou uma disciplina.

Dessa maneira, ocorre que cada época histórica possui suas próprias possibilidades para o pensamento, ou seja, uma ordem epistêmica própria para fabricação dos discursos, as epistemes descritas por Foucault foram feitas a partir de um corte no tempo histórico do pensamento ocidental entre o século XVI e o final do

século XIX.

Assim, a arqueologia dos saberes pôde mostrar como se deu a sucessão epistemológica entre a episteme renascentista (identidades e semelhanças), passando por uma ruptura na ordem do saber que instaurou a episteme clássica (ordem e representação) até ocorrer uma nova ruptura para chegarmos a episteme moderna (empírica-científica). Cada uma delas partilha diferentes sistemas de funcionamento para suas regras, normas e premissas que acabam por definir os encadeamentos lógicos para a ordem dos discursos, seus valores em termos cognitivos, a sua razão de veracidade dentro de um campo específico de enunciação do saber para o funcionamento da linguagem.

Para caracterizar as sucessões epistemológicas em, *As palavras e as coisas*, Michel Foucault descreve algumas características que marcaram a episteme renascentista. Para fazer essa descrição epistemológica, o filósofo mostrou como foi constituído o pensamento ocidental a partir da “ordem dos saberes” nesse período. Foucault faz uma interpretação do saber ocidental (conhecimento possível) no período renascentista por pelas vias pictórica, filosófica e literária. O filósofo parte inicialmente de uma interpretação pictórica através da representação do conhecimento renascentista expressada no quadro de Velázquez na famosa tela intitulada “*Las Meninas*”.

Foucault também mostrou como foi estabelecida a ordem dos saberes renascentistas através de uma descrição da representação prosaica do período, isto é, uma descrição da ordem do discurso literário delimitado pela episteme renascentista. Mas qual o objetivo? O objetivo de Foucault foi expressar o saber do século XVI como um saber representativo e representado utilizando-se de um quadro que se auto representa como se fosse um espelho (mesmo não o sendo) diante de uma tela, oferecendo uma imagem de si sobre si. Vejamos esse comentário de Foucault sobre o quadro como representação.

Esse, ao contrário, abre-se para um espaço em recuo onde formas reconhecíveis se dispõem numa claridade que só a ele pertence. Entre todos esses elementos destinados a oferecer representações, mas que as contestam, as recusam, as esquivam por sua posição ou distância, esse é o único que funciona com toda a honestidade e que dá a ver o que deve mostrar. A despeito de seu distanciamento, a despeito da sombra que o envolve. Mas não é um quadro: é um espelho. Ele oferece enfim esse encantamento duplo, que tanto as pinturas afastadas quanto a luz do primeiro plano com a tela irônica recusavam. (Foucault, 2007, p.8)

Velázquez pinta a si mesmo, criando um quadro de identidades que estabelece como ponto de entendimento do real o sujeito que “pensa e representa” (no caso o pintor que pinta a si mesmo) para encontrar no real semelhanças e identidades que possam ser ordenadas. Isso também cria um efeito contrário para que se possa separar no sentido de não - identidade objetos e discursos que não possuem semelhanças. O quadro de Velázquez marcaria um ponto ruptura entre um saber renascentista e o emergente saber clássico. “[...]. Bastaria dizer que Velázquez compôs um quadro; que nesse quadro ele se representou a si mesmo no seu ateliê [...]”. (Foucault, 2007, p. 11)

Mais adiante em seu livro Foucault demonstra não ser somente com a descrição das imagens que podemos encontrar na episteme renascentista seu modelo de funcionamento pela representação. No capítulo intitulado “*A Prosa do Mundo*” temos a demarcação de uma estrutura, ou um modelo de pensamento para o saber na época do renascimento que foi marcado por quatro similitudes. Até o século XVI as formas de saber eram marcadas por identidades bem definidas entre palavras e coisas, (palavras e coisas estavam unidas e faziam parte de um mesmo *ser*) que estabeleciam similitudes e semelhanças entre os objetos passíveis de serem abordados no discurso, assim ele afirma;

Até o fim do século XVI, a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental. Foi ela que, em grande parte conduziu a exegese e a interpretação dos textos: foi ela quem organizou o jogo dos símbolos, permitiu o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiou a arte de representá-las. ” (Foucault, 2007, p. 24.)

E depois se questiona;

No fim do século XVI, no começo do século XVII, como era pensada a similitude? Como podia ela organizar as figuras do saber? E se é verdade que as coisas se assemelhavam eram em números infinito, podem-se, ao menos, estabelecer as formas segundo as quais eram possíveis ocorrer-lhes serem semelhantes as outras? (Foucault, 2007, p. 24)

Para responder a essa questão o autor irá enumerar quatro formas de configurações de semelhança para o saber renascentista, formando assim a sua estrutura para o conhecimento do real naquele momento histórico. Essas quatro configurações seriam aquelas que Foucault chamou de: 1º *convenientia*, 2º *aemulatio*, 3º *analogia* e 4º *simpatia*. Segundo o autor ainda haveriam muitas outras formas de expressar pela linguagem a semelhança entre os objetos do mundo, contudo essas quatro listadas acima seriam essências. Dessa maneira, essas quatro formas de semelhança quando articuladas permitem ao saber do século XVI criar seu solo, sua positividade.

Essas descrições sobre o saber renascentista apontadas brevemente até aqui como o exemplo do funcionamento de uma rede epistemológica demonstram que o objetivo do método arqueológico é o de tornar evidente o que é possível ser dito, percebido e conhecido dentro de determinado período histórico.

E para isso em cada período histórico possui uma ordem própria com suas regras de funcionamento para o discurso, isso acontece em campos específicos do saber, seja pautado por um discurso que seja racional ou não, como o exemplo do discurso mágico que funcionava no período próximo a verdade.

No caso específico do renascimento, a configuração epistemológica que lhe garantiu o solo para produção dos discursos com acesso a verdade foi marcada por critérios de *semelhanças e identidades* entre objetos e palavras, que poderiam ser descritos entre os objetos visíveis e dizíveis ao saber do período.

Essas semelhanças marcadas como critério de conhecimento e verdade são sempre delimitadas por “regras” anônimas sobre as quais um determinado sujeito

de enunciação não possui plena consciência, e tão pouco pode ser o fundamento constituinte do sentido desse saber.

Podemos levantar uma hipótese nesse momento sobre essa ordem anônima do saber. Talvez a justificativa de Foucault seja a da existência de um *pensamento de fora, ou exterior* (Foucault, 2014, p. 223), algo como um inconsciente positivo para o saber. Desse modo para Foucault o pensamento nunca encontra uma origem absoluta e profunda em uma subjetividade fundante, como também não em alguma experiência perceptiva e originária, mas antes, o pensamento encontra-se determinado por regras e condições que lhe dão possibilidade de acesso a verdade.

Em um texto de 1972 publicado conjuntamente com a segunda edição de *História da Loucura* (Foucault, 2014, p. 268-284), Foucault se propõe a dar uma resposta as críticas feitas por Derrida sobre a questão da completa separação entre loucura e razão apontada por Foucault como efeito do pensamento da filosofia de Descartes. Para Derrida seria um equívoco cometido por Foucault buscar na filosofia de Rene Descartes um marco para definição da loucura como ausência plena de razão manifestada sob a forma de incapacidade para se pensar no âmbito da razão. Nessa passagem Foucault responde as críticas de Derrida e comenta precisamente sobre as regras anônimas que delimitam um saber;

O que tentei mostrar (mas, sem dúvida, não estava claro aos meus próprios olhos quando eu escrevia *História da Loucura*) é que a filosofia não é nem histórica nem logicamente fundadora de conhecimento; mas que existem condições e regras de formação dos saberes as quais o discurso filosófico encontra-se submetido a cada época, assim como qualquer forma de discurso de pretensão racional. ” (Foucault, 2014, 271)

Nesse sentido, ao descrever as condições e regras para o discurso, o método arqueológico procura tomar certa distância da existência de um sujeito fundador que seja soberano e autônomo em sua consciência, ao fazer isso o método arqueológico procura enfatizar como pode se estabelecer um jogo ou uma relação sobre o *pensar* que se realize como que anteriormente a tradicional clivagem da filosofia entre sujeito consciente e doador de sentido para um objeto real e empírico.

Ainda nessa resposta Foucault diz:

O que tentei mostrar, por outro lado, em *História da Loucura*, e alhures, é que a sistematização que religa os conceitos entre eles, as formas de discursos, as instituições e as práticas não é da ordem nem de um pensamento radical esquecido, recoberto, desviado dele próprio, nem de um inconsciente freudiano, mas que existe um inconsciente do saber que tem suas formas e suas regras específicas. Enfim esforcei-me em estudar e analisar os “acontecimentos” que podem produzir-se na ordem do saber, e que não podem reduzir-se nem á lei geral de um ‘progresso’, nem á repetição de uma origem. (Foucault, 2014, p. 271)

Isso torna possível estabelecer a existência de um “*pensa-se*”, como eixo inconsciente para o surgimento e desaparecimento dos saberes de caráter coletivo e plural, uma estrutura para o pensamento da qual não possuímos plena consciência. Esse inconsciente funciona em contrapartida de um “*eu penso*” individualizado e que

deveria conferir autonomia ao “ser” do pensamento (sujeito). Essa ideia apresentada a respeito de um pensamento anterior, de fora, que determinaria nossa consciência foi tema de outra entrevista de Foucault concedida à jornalista Madeleine Chapsal em 1966, nessa entrevista Foucault responde sobre os temas principais de sua publicação mais recente, o livro *As palavras e as Coisas*, bem como de sua diferença em relação à geração de intelectuais anteriores a ele.

Quando questionado sobre a existência de um pensamento social anônimo e anterior e exterior a nossa consciência Foucault é muito claro ao falar sobre um sistema ou estrutura que funcionaria como um inconsciente do pensamento, e que seria mais profundo que o *sentido da consciência presente* como forma de percepção e significação da consciência do sujeito sobre sua realidade. Quando questionado sobre esse sistema Foucault oferece uma longa resposta.

Por sistema é preciso entender um conjunto de relações que se mantêm, se transformam, independentemente das coisas que as religam. Pôde-se mostrar, por exemplo, que os mitos romanos, escandinavos, célticos faziam aparecer deuses e heróis muitíssimos diferentes uns dos outros, embora a organização que os ligava (e essas culturas se ignoravam umas as outras), suas hierarquias, suas rivalidades, suas traições, seus contratos, suas aventuras obedecessem a um sistema único.[...] A importância de Lacan vem do fato de ele ter mostrado como, através do discurso do doente e dos sintomas de sua neurose, são as estruturas, o próprio sistema da linguagem - e não o sujeito - que falamos...Antes de toda existência humana, de todo pensamento humano, já haveria um saber, um sistema, que redescobrimos... (Foucault, 2011, p.147)

Madeleine Chapsal se intriga com essa resposta e o questiona sobre onde estaria secretamente esse sistema, e Foucault responde;

O que é esse sistema anônimo sem sujeito, o que é que pensa? O “eu” explodiu (veja a literatura moderna). Trata-se da descoberta do “há” (IL y a). Há um “se” (on). De certo modo retornar-se ao ponto de vista de século XVII com a seguinte diferença: não colocar o homem no lugar de Deus, mas, sim, um pensamento anônimo, um saber sem sujeito, um teórico sem identidade... (Foucault, 2011, p. 147)

Essa posição assumida por Foucault nesse momento pode ser uma estratégia para que ele faça quanto ao método arqueológico uma ferramenta para a descrição mais “pura” do discurso, *em um grau zero* (sem se utilizar de instituições sociais por exemplo, como ele fez nas arqueologias anteriores). Assim essa descrição tem por característica uma primazia analítica somente do campo discursivo enquanto um campo do inconsciente da linguagem, sendo impessoal e autônomo em relação ao pensamento individual, isso faz com que o sujeito acabe por estar sempre situado dentro de um espaço relacional de discursos que se sobrepõe e lhe determine.

3 | A EPISTEME COMO ESTRUTURA SIMBÓLICA.

Entre as várias abordagens possíveis para levar a cabo o reconhecimento da análise estrutural enquanto interface teórico-metodológico presente nas descrições arqueológicas, convém a mobilização entre método estrutural e arqueologia posta

por Deleuze em um texto de 1967. Com a intenção de estabelecer quais seriam os principais critérios para se reconhecer o pensamento estrutural na obra dos intelectuais do período, Gilles Deleuze, em seu texto “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?” (Deleuze, 1974) Delimitou o estruturalismo como um personagem teórico nos escritos arqueológicos de Foucault, isto é, de acordo com Deleuze, foi na arqueologia de *As Palavras e as Coisas* o momento literário de maior aproximação entre a arqueologia de Foucault e o estruturalismo.

Dessa maneira, convém problematizarmos a seguinte questão como fio condutor para nossa reflexão: Como Michel Foucault mobilizou o estruturalismo no interior de sua pesquisa arqueológica através do conceito de episteme? Sabemos que o conceito de episteme teve uma duração curta nos escritos de Foucault, mas seria justamente nesse período de curta utilização desse conceito que podemos mostrar com precisão a apropriação do estruturalismo na prática da arqueologia dos saberes.

De acordo com Deleuze, a principal contribuição e inovação do pensamento estrutural nas ciências humanas como também na filosofia foi a descoberta e ou a revelação da ordem simbólica, ou seja, o simbólico em suas várias maneiras de ser tematizado torna-se critério para o reconhecimento de análises em formas estruturantes.

Ora, o primeiro critério do estruturalismo é a descoberta e o reconhecimento de uma terceira ordem, de um terceiro reino: o do simbólico. É a recusa de confundir o simbólico com o imaginário, bem como com o real, que constitui a primeira dimensão do estruturalismo. Ainda aí, tudo começou pela linguística: para além da palavra em sua realidade e em suas partes sonoras, para além das imagens e dos conceitos associados às palavras, o linguista estruturalista descobre um elemento de natureza completamente diferente, objeto estrutural. (Deleuze, 1974, p. 273)

Deleuze nos explica que o pensamento quando abordado por uma interpretação dialética acaba sempre oscilando entre dois polos, sendo estes o real e o imaginário. Assim a filosofia em sua versão clássica, (aqui estou me referindo aquele habitual discurso histórico filosófico que passa por grandes nomes do pensamento europeu como Platão, Descartes, Kant e Hegel) fala de um possível entendimento puro da consciência. Ou seja, de uma natural aptidão da consciência humana para a apreensão da verdade que deveria de algum modo se manifestar no real, isso em contraste com os enganos que podem ser produzidos pela imaginação e pelos sentidos. Também cabe pensar que a noção de simbólico contraria o romantismo (creio que aqui Deleuze falou em romantismo como uma forma de idealismo), quando que por este é dado um privilégio pleno ao entendimento do real por meio da imaginação como única via criadora capaz de transcender além da finitude de nossa consciência e de nosso conhecimento.

Então, o que diz Deleuze sobre essa ordem simbólica revelada pelo método estrutural? O filósofo argumenta que o recurso a uma análise que seja feita no nível da ordem simbólica como no caso das análises estruturalistas, revelou o campo da linguagem como o espaço para a análise que se queira estrutural, dessa forma a origem do estruturalismo esteve ligado a linguística.

A análise posta linguística estrutural permitiu o reconhecimento de um elemento de natureza completamente diferente para o conhecimento, assim, através da dialética entre real e imaginário destaca-se um terceiro elemento. Essa foi a primeira dimensão do estruturalismo, pois o linguista descobriu um campo de objetivação para o conhecimento que esta “[...] além da palavra em sua realidade e em suas partes sonoras, para além das imagens e dos conceitos associados às palavras[...]”. (Deleuze, 1974, 273).

Então o que pode se propor de diferente quanto as análises do elemento simbólico? Segundo Deleuze (1974), a partir da revelação da ordem simbólica, surge um terceiro elemento para a construção do entendimento da realidade, assim deve-se evitar o *jogo dialético* da fusão entre real e imaginário que realiza um exercício no pensamento filosófico em diferentes movimentos, isso torna possível ao simbólico construir uma espécie de terceira ordem com uma função relacional, algo como uma “costura”, uma “transa”, que oferece suporte lógico e intrínseco para um conjunto de elementos dispostos que compõe um quadro estruturado. Vamos recortar uma passagem desse texto que possa ilustrar bem essa ideia de Deleuze da qual nos apropriamos.

A estrutura se encarna nas realidades e nas imagens segundo series determináveis; mais ainda, elas as constitui encarnando-se, mas não deriva delas, sendo mais profundas que elas, subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação”. (Deleuze, 1974, p. 274)

Na continuação de seu difícil e importante texto, Deleuze vai argumentar que é dessa forma que para a linguística a estrutura irá ser anterior e irreduzível a palavra e sua extensão sonora. Segundo Deleuze, Jaques Lacan irá formular um conceito-imagem sobre um terceiro pai, que ganha materialidade no *Nome do pai*, mas que vai muito além do pai real, (o pai na carne e na experiência vivida) esse terceiro pai se manifesta em imagens “fantasmagóricas” sobre diversos pais ideais

Já possuímos muitos pais, em psicanálise: em primeiro lugar, um pai real, mas também imagens de pai. Em todos nossos dramas passavam-se nas tensas relações do real e do imaginário. Jaques Lacan descobre um terceiro pai, mais fundamental, pai simbólico ou Nome-do-pai. (Deleuze, 1974, p.273)

Assim, o simbólico está para além da palavra e do som, além do conceito e da imagem, antes esses constituem uma superfície de contato para que o sujeito crie seus significados. Nesse sentido diferentemente da história das ideias e de suas representações, essa estrutura do pensamento estará para a arqueologia de Foucault segundo Deleuze na seguinte maneira:

Para além da história dos homens, e da história das ideias, Michel Foucault descobre um solo mais profundo, mais subterrâneo, que constitui o objeto daquilo que ele chama de arqueologia do pensamento. (Deleuze, 1974, p. 273)

Essa possibilidade trazida pelo estruturalismo para a não redução do pensamento à clássica dualidade entre a ordem do real com o imaginário pelo acesso a uma terceira ordem como o simbólico, desdobrou-se no pensamento acadêmico europeu do pós-

guerra em diversas direções e percorrendo diferentes caminhos para sua utilização em diferentes disciplinas. Assim o método estrutural constitui um caminho heterogêneo de investigações acerca do homem e de seu pensamento.

Logo, o que se convencionou reconhecer sob a égide do estruturalismo segundo Deleuze de maneira esquemática, foi a possibilidade de se pensar diversos campos de nossa vida social e cultural por várias perspectivas que reconheçam em suas análises o elemento *simbólico*.

Segundo Dosse (2007), podemos citar a título de exemplo alguns teóricos que se tornaram grandes referências do pensamento estrutural em diferentes disciplinas, somente na França para exemplificar com a própria atmosfera intelectual em que Foucault viveu temos as análises realizadas por Althusser via marxismo (inclusive Althusser foi professor de Foucault,), as de Lacan na psicanálise via subjetividade inconsciente da linguagem, os estudos etnográficos de Levi-Strauss sobre o parentesco e as relações matrimoniais e os estudos de Dumezil sobre as antigas religiões e mitos europeus.

Essas vertentes encontraram todas elas nesse critério que Deleuze denominou como *simbólico* uma forma de estrutura composta por elementos diferenciais que se organizam tal como um sistema linguístico, onde cada elemento pode existir por estabelecer uma relação que em muitos casos pode ser de oposição a outro elemento de um mesmo sistema. Em que consiste esse elemento que Deleuze adotou como critério de reconhecimento do estruturalismo?

A opção deleuziana para definição do elemento simbólico é pela via da negativa, ou seja, definir o simbólico por aquilo que ele não possa ser, esse recurso argumentativo permite ao autor eliminar as definições que podem trazer mal-entendidos sobre esse conceito causando confusões.

Distinto do real e do imaginário, ele não pode definir-se nem por realidades pré-existentes às quais remeteria, e que designaria, nem por conteúdos imaginários ou conceptuais que ele implicaria, e que lhe dariam uma significação. Os elementos de uma estrutura não tem nem designação extrínseca nem significação intrínseca. O que resta? [...] um sentido que necessária e unicamente de "posição". Não se trata de um local numa extensão real, nem de lugares em extensões imaginárias, mas de locais e lugares num espaço propriamente estrutural, isto é, topológico. (Deleuze, 1974, p. 276)

Assim a definição proposta sobre o que seria esse nível simbólico recai como uma estrutura sobre um espaço onde elementos ocupam lugares e posições específicas que se definem por suas vizinhanças com outros elementos que lhe dão seu significado de forma relacional e não essencial. "A ambição científica do estruturalismo não é quantitativa, mas topológica e relacional". (Deleuze, 1974, p. 276)

4 | CONCLUSÃO

Cabe aqui para concluirmos fazermos uma pontual reflexão sobre quais as

possíveis consequências derivadas dessa perspectiva estrutural nas ciências humanas. De acordo com aquilo que mostramos, torna-se possível pensar o entendimento da ordem estrutural como um campo não separável de uma nova filosofia transcendental no sentido posto por Kant, ou seja, como uma ordem que possa funcionar como um *a priori* anterior e exterior ao pensamento constituidor de qualquer objeto para ser experimentado pela nossa consciência.

Outra possível consequência do pensamento estrutural para as ciências humanas se manifesta da seguinte forma. O caráter inconsciente das estruturas demonstra que para a formação da própria consciência (pensamento do sujeito) como atividade crítica existe um limite e uma determinação, essa situação faz com que o próprio sujeito do pensamento se reconheça como autônomo ao objetivar a realidade ao seu redor enquanto experiência fenomenológica. Ou seja, existe a possibilidade de objetivação do real, porém tal objetivação esta paradoxalmente contida dentro da própria ordem a ser objetivada, assim o pensamento consciente pode ser reconhecido, porém encontra-se limitado.

Isso possibilita também uma crítica a antropologização do pensamento, isto é, o estabelecimento de uma crítica ao pensamento antropológico, pois, dado que para o humanismo antropológico parte-se sempre da posição do sujeito como referência positiva para a construção de todo sentido sobre o conhecimento, o que o pensamento antropológico não percebe, é que antes de ser constituinte, o sujeito apresenta-se determinado como suporte da ordem anterior e estrutural.

Esse suporte é uma posição, um lugar de enunciação para esse sujeito. Assim os discursos possíveis são realizações de regras para esse discurso que podem ser formalizadas. Essa noção de sujeito enquanto posição e não enquanto essência do pensamento problematizará todo o pensamento filosófico ocidental que insiste na primordialidade fundante da consciência do sujeito doador de sentido.

Assim, podemos concluir que Michel Foucault, utilizou uma linguagem estruturalista através do conceito de episteme para revelar formas estruturadas do saber em cada período histórico, e dessa maneira, demonstrar que grandes formas de pensar como marxismo, fenomenologia e o próprio estruturalismo são formas discursivas determinadas por uma ordem histórica-espacial de acomodação dos discursos num espaço um tanto quanto abstrato. Esse espaço para ordem dos saberes a partir de sua disposição topológica constitui um *sentido de posição*, estabelecendo dessa maneira, relações de vizinhança e modificação entre os saberes possibilitando tanto o aparecimento de novos objetos como de discursos.

Dessa maneira, não foi à toa, que Deleuze apontou como a primeira característica para o reconhecimento do estruturalismo, o critério Simbólico (Deleuze, 1974) e que no caso dos estudos arqueológicos de Foucault, pôde ser reconhecido no conceito de episteme, ou seja, o simbólico no contexto no trabalho de Foucault se refere a um espaço para o saber, correspondente a uma estrutura similar a uma *ordem espacial e dita simbólica*.

Esse espaço, e o sentido de posição que nele se manifestam, foi justamente o que esteve na proposta de Foucault, ao nos apresentar o conceito de episteme. Caracterizada por Deleuze, *como um solo mais profundo para o saber*, para Foucault, o que importa no espaço das epistemes não são necessariamente as palavras em si, ou as coisas nelas mesmas (Foucault, 2013, p. 155), mas sim suas *vizinhanças*, o espaço pela qual elas se refletem e se entrecruzam, enfim sua topologia.

REFERÊNCIAS

- CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Editora. Autentica. Belo Horizonte. 2010.
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8**, O Século XX. São Paulo. Zahar Editora. 1974.
- DOSSE, François. **História do Estruturalismo. O campo do Signo**. Bauru. Editora: Edusc. 2007.
- DREYFUS, Hubert, e, RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ERIBON, Didier. **Michel Foucault, 1926 – 1984**. São Paulo. Editora. Cia das Letras. 1989.
- FOUCAULT, Michel. A Vida: A Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013.a.
- FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós estruturalismo. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013. b.
- FOUCAULT, Michel. O que é o senhor, Professor Foucault. In: Ditos e Escritos volume X, **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Rio de Janeiro. Forense Universitária Organizado por Manoel Barros da Motta. 1º Edição. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo. Editora: Martins Fontes. 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo. Editora: Perspectiva. 2007.
- FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro. Editora. Forense Universitária. 2006. 6º Edição.
- FOUCAULT, Michel. “A filosofia estruturalista permite diagnosticar o que é a atualidade”. In: Ditos e Escritos volume 2. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio a Edição Inglesa. In: Ditos e Escritos volume 2. **Arqueologia das ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 3º Edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 2013.
- FOUCAULT, Michel. O Pensamento Exterior. Algumas traduções apontam esse texto como sendo nomeado com título “O Pensamento de Fora”. In. Ditos e Escritos Volume 3, **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2013.

FOUCAULT, Michel. Resposta a Derrida. Ditos e Escritos volume 1. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2014.

FOUCAULT, Michel. Prefácio a edição Inglesa. In: Ditos e Escritos volume 2. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Forense Universitária. 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: Ditos e Escritos volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição, 2011

MACHADO, Roberto. **A ciência e o saber**. São Paulo. Editora Zahar. 2006.

RAGUSA, Pedro. **ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT COMO UM HÍBRIDO TEÓRICO-METODOLÓGICO: ENTRE O ESTRUTURALISMO E A EPISTEMOLOGIA**. Assis, 2018. 141 f. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

SAFATLE, Wladimir. Literatura como contraepisteme: o lugar da experiência literária na arqueologia foucaultiana do saber. In: **O mesmo e O Outro, 50 anos de História da Loucura**. (Orgs) Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, Alfredo Veiga – Neto. Belo Horizonte. Editora: Autêntica. 2011.

VEYNE, Paul. **Foucault, Seu pensamento, sua pessoa**. Editora: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-296-8

